

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

O VOO DO HIPOPÓTAMO

LUIZ ANTONIO AGUIAR

ea

editora ática

O voo do hipopótamo
© Luiz Antonio Aguiar, 2005

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabrizio Waltrick
Editor assistente	Emílio Satoshi Hamaya
Preparador	Aginaldo Holanda
Seção "Outros olhares"	Veio Libri
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cynthia Costa
Estagiária	Fabiane Zorn

ARTE

Diagramadora	Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica	Corte Design
Pesquisa iconográfica	Silvio Kligin (coord.)
	Ana Vidotti
	Veio Libri
Ilustrações	Maurício Veneza
Ilustrações de Machado de Assis	Samuel Casal
Estagiária	Mayara Enohata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A23v
2.ed.

Aguiar, Luiz Antonio, 1955-
O voo do hipopótamo / Luiz Antonio Aguiar - 2.ed. - São Paulo :
Ática, 2008.
152p. : il. - (Descobrimdo os Clássicos)

Contém suplemento de leitura
Inclui apêndice
ISBN 978-85-08-12107-8

1. Novela juvenil. I. Assis, Machado de, 1839-1908. Memórias
póstumas de Brás Cubas. II. Título. III. Série.

06-2343.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12017-8
CL: 736572
CAE: 241620

2019
2ª edição
9ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2005
Av. das Nações Unidas, 7221, Pinheiros – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivolector.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



QUERER SER E QUERER PARECER

Memórias póstumas de Brás Cubas traz uma inusitada visão sobre este mundo, oferecida por quem já partiu para o outro – a história, como se revela no título, é narrada pelo próprio Brás Cubas, depois de morto.

É para a leitura dessa obra, a ser cobrada em prova da escola, que Túlio se aproxima de Virgília. Prevendo dificuldades para ler o clássico – e ir bem na prova –, recorre à garota, que o está lendo com entusiasmo, auxiliada pelo avô, profundo conhecedor da obra de Machado de Assis.

Só que essa aproximação dos dois adolescentes não poderia ser mais complicada...

Bem enturmado na escola, astro da seleção de vôlei, admirado pelos colegas e assediado pelas garotas, Túlio é extremamente preocupado com as aparências e com a opinião alheia, e faz de tudo para manter sua popularidade na turma. Já Virgília, novata na escola, tem um modo muito original de ser e se vestir, quer sempre ser ela mesma, é um tanto agressiva, não se deixa afetar pelas opiniões dos outros, nem admite mudar seu jeito para se adequar aos padrões de comportamento dos novos colegas – por conta disso, logo no primeiro dia de aula, passa a ser execrada pela turma toda.

Mas Túlio precisa tirar uma boa nota na prova, senão corre o risco de ser reprovado e certamente será cortado do time

de vôlei. Tal necessidade o leva a conviver com Virgília, mesmo correndo o risco de virar piada para a turma da escola. O que será do seu prestígio se seus amigos descobrirem que ele frequenta a casa daquela que eles julgam ser a criatura mais esquisita que já apareceu na cidade? E que é neta do cozeiro e mora no cemitério, ainda por cima? Para piorar, Túlio não quer confessar nem a si mesmo, mas a garota mexe muito com os seus sentimentos.

Vencidas algumas dificuldades iniciais na leitura do clássico de Machado de Assis, Túlio vai se empolgando pelo livro. A fina ironia com que o autor retrata os personagens e a sociedade, a originalidade da narrativa, o humor incomum para a época, o deboche e a amargura do narrador, a profunda investigação da alma humana... A leitura do clássico, com toda a sua riqueza existencial, faz Túlio e Virgília repensarem suas posturas diante da vida. Vale a pena abrir mão de nossas chances de felicidade por receio da opinião alheia? Não haveria modos menos agressivos, que afastem menos as pessoas, na busca pela afirmação da individualidade?

O voo do hipopótamo é uma história que fala de descobertas. Descobrindo o clássico *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Túlio e Virgília acabam por descobrir muito sobre a vida e sobre si mesmos.

Os editores

Os trechos de *Memórias póstumas de Brás Cubas* foram extraídos da edição publicada pela Ática na série Bom Livro (29ª edição, 9ª impressão, cotejada com a edição crítica do Instituto Nacional do Livro).

SUMÁRIO

1	Os vizinhos	11
2	Dedicatória.....	14
3	A neta do coveiro.....	18
4	Com a pena da galhofa e a tinta da melancolia	24
5	A outra Virgília	32
6	Lucidez & maluquez – razão contra sandice.....	39
7	O Realismo delirante	42
8	O coveiro leitor.....	52
9	O desdém dos finados.....	63
10	Amores no trapézio	72
11	Outra de menos	79
12	Vontade do céu.....	87
13	O senão do livro	100
14	A festa! e O resultado da festa!	104
15	Molas da vida	108
16	Estrume e virtude.....	119

17 De cão e de filósofo, todo personagem (de Machado) tem um pouco	127
18 O hipopótamo voador.....	136
Epílogo: A negação de <i>Das negativas</i>	142
Outros olhares sobre <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	145

*Controlando a minha maluquez
misturada com minha lucidez...*

“Maluco beleza”, Raul Seixas





• 1 •

Os vizinhos

Havia uma coisa com que Túlio não se conformava: morar colado ao cemitério. Principalmente quando tinha de voltar para casa já tarde da noite. Não dava para evitar passar por aqueles muros, que eram como uma larga ferradura, envolvendo a vila de casas em que Túlio vivia.

Quando queriam implicar com Túlio, perguntavam o endereço dele: “Sepultura, número...?”.

Ou: “Na fachada da sua casa você tem placa com número, ou uma lápide?”.

Túlio só fazia arreganhar os dentes, num sorriso tipo *sardônico*, ou seja, quase uma careta – por coincidência, embora Túlio não conhecesse o significado da palavra *sardônico*, um sorriso desses que se diz que é sorriso de morto. No instante final. Sorriso de quem não acha graça nenhuma em morar *dentro do cemitério*.

– Não exagera, Túlio. Dentro, não! – E a mãe dava uma risadinha. – Somos só vizinhos!

– ... Dos defuntos! – completava Túlio.

Era uma discussão que não acabava. Já durava anos. Túlio tinha seus dezesseis anos, agora. Mas continuava se arrepiando quando acordava no meio da noite com uma janela baten-

do, ou quando o vento uivava ao entrar por uma fresta – e sempre que tinha de passar em frente aos portões do cemitério, de noite, naquela rua escura, muito escura, onde morava.

– Quem já está morto não faz mal à gente – resmungava o pai de Túlio, mecânico de automóveis, dono da oficina nos fundos da vila. – Tá achando que um deles vai se levantar da sepultura e... fazer o quê? Ora, garoto, francamente! Eles não estão mais interessados nas coisas deste mundo.

Mas e se...?

Naquela noite, então, voltando de bicicleta para casa, já bem depois das onze horas, o garoto tinha mais uma razão para estar atormentado. Dali a menos de duas semanas, ia enfrentar a prova do “livro do bimestre”. Teria de ler o *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Túlio havia passado a tarde no treino de vôlei – ele jogava de ponta na seleção do colégio. Depois, saiu com a turma, já escurecendo; ficaram de papo, rolando de bicicleta para cima e para baixo pelo centro da cidade, e quando viu já eram onze horas.

– Puxa, e eu ia começar a ler o livro esta noite. Agora, não vai dar!

Então, tomou o caminho para casa. E foi quando o livro, sepultado fazia tempo no fundo da sua mochila, começou a incomodar. Principalmente no que o garoto entrou na sua rua e se lembrou do cemitério. Era o *póstumas* do título. Se fossem perguntar, Túlio ia logo, de preguiça, responder que não sabia o que queria dizer essa palavra. Só que em alguma ocasião já a escutara. E, caso se esforçasse um pouco, ia se lembrar de que tinha a ver com defunto. Póstumo: depois da morte. Memórias póstumas: as memórias contadas por um morto.

Mas isso é absurdo. Como assim?... Um morto renasce, vira para a gente e...

Não, não renasce. Continua morto. Só que vira escritor, depois de morto. E para escrever suas memórias...

E aí, quer ver um morto contando sua história? Quer descobrir como é a vida vista por um defunto? E um defunto com um jeito todo dele de ver e se lembrar dos vivos, que tal?

Quem sabe esse papo sem palavras estivesse acontecendo na cabeça do Túlio? Assim, de ouvir dizer, de alguém já ter comentado algo sobre o livro, perto dele? Quem sabe o professor, num momento em que Túlio estava mais ou menos distraído? No entanto, o garoto não saberia dizer nem onde nem quando ouvira isso.

Só sabia que continuava se recusando a pensar a respeito de mortos. Principalmente na hora de passar junto ao paredão, e depois diante do portão de ferro do cemitério. “Aqui terás tua eterna morada!”, estava escrito em letras forjadas também em ferro, no alto do portão. Túlio fez uma careta ao se lembrar disso. E quase, bem naquela hora, respondia: “Nunca! Morar aí, nunca!”.

Mas foi então que escutou o violino.



• 2 •

Dedicatória

A música vinha de lá de dentro, bem do meio das tumbas. Túlio freou sua bicicleta, sem desmontar.

“Só pode ser um daqueles meus amigos palhaços!”, resmungou em pensamento, olhando para os lados. Tinha certeza de que havia todo um bando escondido ali em volta (a mesma turminha que ele acabara de deixar no centro, depois de horas de papo furado), na espreita, para vê-lo dar um vexame, de tão apavorado.

“Isso não tem graça nenhuma! Nessas coisas não se mexe à toa. Se fosse um deles que morasse aqui, com uns... vizinhos desses, duvido que ficasse de brincadeira!”

Não conseguiu enxergar ninguém escondido, mas tinha certeza de que estavam ali. A rua era muito escura mesmo. E silenciosa. Ainda mais àquela hora. O som do violino parecia aumentar a cada segundo, e já penetrava nele, como se tivesse pregado na sua nuca, por dentro da gola da camiseta, e escorresse, num calafrio gosmento, pela espinha.

“Não tem a menor graça!”, repetiu para si mesmo. E agora, misturada ao susto, havia a raiva. Mais e mais raiva: “Se eu passar direto, eles vão chegar amanhã na escola cheios de

histórias. Vão dizer que eu morri de medo. Vão inventar que eu fiz a maior cena! Vão...”.

Não tinha escapatória, e ele sabia. Era o seu nome que estava em jogo. Ele era um cara popular no colégio. Fazia parte da turma para a qual todo mundo queria entrar. Não queria arriscar. De popular para “pele” do colégio, aquele em quem todo mundo encarna, de quem todo mundo abusa, era um pulo curto, ou melhor, um tropeção só, mais nada, e... lá ia ele, de cara no chão!

Em suma, bobear ali era garantir gozação até o final do ano. No mínimo.

Túlio desmontou da bicicleta.

Mas aquele violino solitário, tocando ao longe, de algum lugar lá do meio das tumbas, ia ser duro de encarar! Ah, e como!

Ele avançou até o portão e o abriu. As dobradiças enferujadas reclamaram. O garoto se encolheu todo: “Essa droga de portão velho tinha de guinchar assim, não tinha?”.

Levou um segundo para se restabelecer do gemido arrepiante do portão, e então deu dois passos, passando para dentro do cemitério.

“Tão vendo?”, pensou em gritar para os engraçadinhos. “Estou aqui dentro! Bem aqui dentro! Vocês estavam achando que podiam me assustar, é?”

O violino continuava.

“Droga!”, resmungou Túlio para si. “Eles vão querer que eu entre... de verdade!”

A noite parecia ter sido escolhida a dedo para pregar sustos: lua nova e um céu nublado, sem estrelas. Dasquelas noites em que passa uma brisa leve, arrastando folhas secas pelo chão. Túlio imaginou os olhos da molecada postos sobre ele, esperando somente um vacilo para saírem das tocas

no maior deboche, e foi isso que o fez ir em frente. O garoto avançou por uma aleia ladeada de sepulturas, seguindo a música do violino.

“E quando eu chegar lá, vão fazer o quê?”, perguntou-se. Mas um outro pensamento é que o perturbou, naquele momento: “O som... nem parece de *CD-player*. Parece... parece... um violino mesmo, ao vivo!”.

Mas não podia ser. Nenhum dos seus amigos tocava violino. Ainda mais tão bem daquele jeito. Túlio não reconheceu a música. Mas soava a ele como algo que combinava bem com a noite que fazia e com o cenário.

“Principalmente com o cenário”, pensou Túlio, esfregando as mãos, sentindo frio, e apertando os olhos para enxergar melhor. De repente, viu uma luminosidade à frente, como se fosse uma lâmpada, ou uma lanterna, mas de um branco azulado e brilhante. Uma luminosidade esquisita, diferente. O garoto teve um arrepio que foi difícil de controlar. Começou a achar que seus amigos palhaços estavam indo longe demais, que estavam exagerando na gozação com ele. Certo, eles eram terríveis. E Túlio, junto com aquela turma, já aprontara cada uma!

“Mas, desta vez, hem? Capricharam! Tá, é até elogio! Senão, sabiam que eu não ia cair na armadilha!”

Então, justo quando uma sepultura mais alta deixou de obstruir sua visão, ele a viu.

Vestida toda de preto.

Saía preta esvoaçante.

Sapatos pontudos, saltos altos.

Batom preto, toda a maquiagem preta.

Tocando violino, de pé, em cima de uma sepultura de pedra.

Os cabelos, muito escuros e encaracolados, voando soltos para trás.

O lampião a gás, com sua luminosidade branco-azulada, apoiado num canteirinho da parte superior da tumba.

Túlio ficou estatelado quando a viu.

Ela o percebeu e parou de tocar. Então, ergueu a vista para ele, encarou-o, olhou bem dentro dos seus olhos e falou, alto, com voz rouca e tenebrosa:

– Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas.

Túlio, assim que conseguiu recuperar o fôlego, recuou de costas uma meia dúzia de passos e então se virou e fugiu em disparada. Não pensou mais se haveria mesmo, ali, escondidos, apreciando a cena, os tais amigos dele, os palhaços, que bem poderiam estar morrendo de rir a essa hora. Nem pensou em coisa alguma. Apenas em se escafeder dali o mais depressa que podia. E, durante toda a corrida até a porta de sua casa, os olhos da garota violinista, brilhantes como estrelas negras, pareciam estar seguindo-o, quase chegando na sua nuca.

A bicicleta ficou esquecida junto ao portão do cemitério.